

CICLO DE CONFERÊNCIAS/2004

# Era Vargas



Em setembro de 2004, a Secretaria de Informação e Documentação do Senado Federal promoveu – como vem fazendo desde 2000 – seu **Ciclo de Conferências** com o mesmo objetivo de levar a debate público relevantes assuntos de interesse de toda sociedade.

Naquela oportunidade, em conjunto com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e o Laboratório de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi realizado o seminário **VARGAS E O DESENVOLVIMENTO NACIONAL BRASILEIRO**, quando foi discutida, em dois dias, por parlamentares, professores, pesquisadores, estudantes e público em geral, a importância da chamada **Era Vargas** (vide texto ao lado assinado

pelo professor titular de História Moderna e Contemporânea da Universidade do Brasil/UFRJ, Francisco Carlos Teixeira da Silva).

No primeiro dia do evento, aberto pelo presidente do BNDES, à época, Carlos Lessa, ocorreram a conferência *A presença de Vargas na história republicana* e a mesa-redonda *O significado de Vargas para a sociedade e o Estado no Brasil*.

No dia seguinte, a mesa-redonda *Getúlio Vargas e o imaginário político republicano* abriu os trabalhos, sendo seguida pela conferência *O significado da Era Vargas*.

O Seminário, gravado na íntegra pela TV e Rádio Senado, foi transmitido por meio de videoconferência para várias Assembléias Legislativas.

## A PRESENÇA DE VARGAS NA REPÚBLICA BRASILEIRA

Prof. Francisco Carlos Teixeira da Silva

*“O problema econômico pode-se resumir numa palavra – produzir! Produzir muito e barato, o maior número aconselhável de artigos, para abastecer os mercados internos e exportar...”*

Com essas palavras e em plena crise econômica mundial, na sua campanha presidencial de 1929, Getúlio Dornelles Vargas rompia com uma longa tradição da história econômica brasileira, centrada exclusivamente na exportação de produtos agrícolas, sem qualquer beneficiamento,

tais como o café, o açúcar, o cacau e a borracha. Para Vargas, o crescimento econômico e a melhor distribuição de riquezas no interior do País eram a única saída para o Brasil, rompendo com séculos de dependência.

Vargas nasceu em 1882, ainda ao tempo da escravidão no Brasil, e rapidamente fez uma exitosa carreira política: em 1909, foi eleito deputado

Vargas e Pessoa, políticos da periferia do sistema de poder, rompiam com a tradição da política dita do *café com leite* e propunham a ascensão de um novo pessoal político, dando significado real à idéia de federação. Propunham, ainda, a superação do passado de “feitoria colonial” do País e seu desenvolvimento autônomo. A Aliança

No mesmo ano de 1932, infelizmente o País se vê envolto em tremenda guerra civil, com a exigência de São Paulo de eleições diretas e livres. Sob tal impacto, dá-se a aprovação da Constituição Democrática de 1934, que permite a eleição indireta de Vargas para a Presidência da República. Encerrava-se o período revolucionário (1930-1934) e reinaugurava-se a história constitucional do País.

estadual pelo Partido Republicano gaúcho; em 1923, deputado federal; em 1926, foi escolhido ministro da Fazenda, do então presidente Washington Luís (1926-1930) e, em 1927, governador do Rio Grande do Sul. Foi na qualidade de governador do Rio Grande que Vargas apresentou-se, em 1929, como candidato a presidente da República pela Aliança Liberal. A candidatura de Vargas, tendo um político nordestino como vice – o paraibano João Pessoa – surgia como uma novidade política e, até mesmo, como um ato de desafio ao sistema oligárquico dominante durante toda a República (que em breve será chamada de Velha), montado pelas elites políticas de São Paulo e Minas Gerais, e mantenedor do modelo agrário monocultor e exportador, com vinculações diretas com o capital financeiro e comercial da Grã-Bretanha (então a potência dominante).

Liberal foi, contudo, derrotada pelo sistema dominante e, pouco mais tarde, João Pessoa era assassinado.

Irrompia a Revolução de 1930, com Vargas à frente.

Estabelecido como chefe do governo revolucionário, Vargas cria, já em 1930, o Ministério da Educação e Saúde e o Ministério do Trabalho. São sinais evidentes de modernização do País e da transformação da Questão Social em política de Estado. Em 1932, é estabelecido o direito de voto das mulheres, bem como o voto secreto no processo eleitoral, visando acabar com o “voto de cabresto” imposto pelas oligarquias locais. Ao mesmo tempo, o Estado ocupa-se da condição operária com grandes inovações: surge a jornada de trabalho de oito horas, a licença maternidade e a carteira de trabalho obrigatória.

Ainda em 1934, é criada a Justiça do Trabalho, abrindo pela primeira vez na nossa história a possibilidade de os trabalhadores apresentarem suas queixas e exigirem seus direitos frente ao Estado.

Em 1935, dá-se a Revolução da Aliança Libertadora Nacional, conjunto de socialistas, comunistas e democratas radicais, com lutas acirradas no Rio de Janeiro, em Recife e em Natal. A chamada Intentona Comunista serve de pretexto para o endurecimento do regime, com o aprofundamento da Lei de Segurança Nacional e a criação do Tribunal de Segurança Nacional.

Em 1937, alegando riscos internos e externos para a segurança do País, Vargas dissolve o Congresso Nacional, revoga a Constituição de 1934 e institui uma ditadura, o chamado Estado Novo. As alegações de Vargas baseavam-se nas lutas entre a esquerda, representada pela

Aliança Nacional Libertadora, e a direita fascista, organizada em torno da AIB (Ação Integralista Brasileira), além do acirramento das relações internacionais (ataque japonês contra a China; ataque italiano contra a Abissínia; e o rearmamento alemão e suas ameaças contra a Áustria, Polônia e Tchecoslováquia).

Encerrava-se, assim, a fase democrática de Vargas (1934-1937), iniciando-se a carreira de chefe do Estado Novo (1937-1945). Tratava-se de um Estado ditatorial, forte, unificado – os governadores e símbolos estaduais foram suprimidos -, sem atividade partidária e fortemente voltado para o culto da figura do chefe de Estado. Vargas dota o País de uma constituição de tipo autoritário, inspirada no modelo polonês e denominada A Polaca (1937).

Inúmeras medidas de desenvolvimento econômico, autonomia e busca do bem-estar social marcam o Estado Novo: criação do Conselho Nacional do Petróleo (1938) – o primeiro poço de petróleo do País é descoberto em 1939, em Lobato, na Bahia; estabelecimento do salário mínimo em 1940; criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda/RJ, em 1941; surgimento da Companhia Vale do Rio Doce em 1942; outorga da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 1943.

Em pouco tempo, o País passa por um processo intenso de modernização, deixando definitivamente para trás o passado agrário, monocultor e exportador. As grandes cidades crescem, com sua população urbana e fabril, surgem meios de comunicação de massa, como o cinema e o rádio, que se expande por todo o País. A Rádio Nacional, criada em 1936, torna-se um elo de todos os brasileiros, e a partir de 1941 todo o País pára para ouvir o *Repórter Esso*.

Lamartine Babo, Ary Barroso e Noel Rosa são sucessos nacionais nas vozes



As palestras, mesas redondas e conferências foram transmitidas simultaneamente para várias Assembléias Legislativas por meio de videoconferência.

de Carmem Miranda e de Linda e Dirceinha Batista. Nos cassinos e nos teatros de revistas as vedetes, como Virgínia Lane, provocam *burburinhos*.

Em 1942, o Brasil foi à guerra, em virtude do torpedeamento de navios mercantes brasileiros por submarinos do Terceiro Reich. Vargas preocupa-se com as condições de defesa, redivide o País e cria os territórios federais, visando à maior integração nacional. Reequipa as Forças Armadas, cria a FAB em 1941 e, em 1943, envia a FEB (Força Expedicionária Brasileira) para os campos de lutas na Itália.

Em 1945, na onda de democratizações que encerra a II Guerra Mundial, Vargas é deposto. Nas eleições seguintes, em 1946, é eleito senador por dois estados e deputado federal por sete, atestando a grande popularidade que

gozava. Mantém-se no exílio, no Rio Grande, só retornando formalmente à política em 1950, quando é eleito, democraticamente, presidente da República, com 3.849.040 votos (contra os 2.343.384 dados a Eduardo Gomes). Nesta nova fase democrática de sua carreira, cria o BNDES em 1952, a Petrobrás em 1953 e, no ano seguinte, a Eletrobrás. Acelera o processo de industrialização, montando as condições definitivas da arrancada desenvolvimentista do País.

Envolto em lutas partidárias, intrigas políticas e acusações várias, Vargas se suicida na manhã de 24 de agosto de 1954. Sua presença na história republicana brasileira, como figura carismática, polêmica e indutora do crescimento econômico, marca todo o século XX."

Sentado anonimamente dentre as centenas de pessoas que assistiram às palestras sobre a **Era Vargas**, um senhor de 84 anos tinha um brilho no olhar que passou despercebido dos demais. Tratava-se do Coronel Fittipaldi: muito mais que o piloto que trabalhou com Getúlio Vargas de 1950 até o dia do seu suicídio em 24 de agosto de 1954, foi um assessor especial e um amigo incondicional.

Essa sólida amizade está registrada em um livro de memórias que o Coronel Fittipaldi está tentando publicar. Deana Guedes, ex-chefe de gabinete da Secretaria de Informação e Documentação do Senado Federal, teve a honra e o privilégio da primeira leitura do livro. É de sua autoria o pequeno resumo que transcrevemos a seguir:

“Coronel aviador, nascido em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, neto de imigrantes italianos que deitaram raízes em solo gaúcho desde meados do século XIX, Hernani Fittipaldi é a história viva da chamada “Era Getulista”.

Aos dezessete anos, ainda cadete, comemorando o recebimento de seu espadim na estância de um padrinho, foi apresentado ao então Presidente da República Dr. Getúlio Dornelles Vargas. Este, impressionado com a vivacidade do rapaz, perguntou-lhe qual arma escolheria, o que de pronto respondeu-lhe: “Quero ser aviador!”. “Muito bem”, contra-argüiu o Presidente, “pois saiba que criarei a Força Aérea Brasileira, para jovens como tu”.

Desse encontro remoto, relatado em seu livro de memórias, seguiram-se muitos outros que fortaleceram uma amizade entre o jovem gaúcho e o experiente caudilho.

O Coronel Fittipaldi foi, com a turma da Escola de Pilotos Aviadores do Realengo, do primeiro grupo de militares do novo Ministério da Aeronáutica.

Diversas foram as visitas realizadas à Estância do Itu, e entre os diversos almoços compartilhados, o convite para ser o piloto oficial do Presidente e seu ajudante de ordens.

Mais do que um ajudante de ordens, o jovem gaúcho foi um assessor especial e um amigo incondicional do Presidente Getúlio, que lhe confiava desde serviços oficiais até confissões particulares, de cunho reservado aos grandes companheiros.

E ele lhe foi fiel até na morte, pois esteve a seu lado no último suspiro e na última viagem, acompanhando seu corpo, ainda como seu piloto especialmente escolhido, até seu repouso eterno em terras minuanas.

As memórias relatadas pelo Coronel Fittipaldi em seu livro vão além da história do Brasil, contada por quem a presenciou. Suas histórias trazem a emoção dos personagens em seus diálogos e colóquios cotidianos, como se pudéssemos, também, estar à mesa com o Dr. Getúlio e ouvi-lo pedir: “mais uma chaleira de água quente para o meu mate!”.

Não se trata somente de um relato de memórias, mas quase que a transcrição de um diário, onde seu autor guardou cada frase de seus interlocutores com uma nitidez tão peculiar que nos transporta aos anos e aos fatos vivenciados por muitos personagens da verdadeira História do Brasil.

É de se observar que o Coronel Hernani Fittipaldi, mesmo após o falecimento do Presidente Getúlio Vargas, permaneceu como piloto da Presidência, fazendo carreira militar, servindo outros presidentes, entre eles João Goulart, que havia sido seu colega de ginásio no Rio Grande do Sul, transportando-o e a sua família até mesmo para o exílio.

Estas e outras vivências também fazem parte da esplêndida galeria de personagens históricos encontrados nos escritos de Fittipaldi.

Até mesmo sua cassação e conseqüente prisão pela ditadura militar não foram olvidadas, com observações curiosíssimas.”

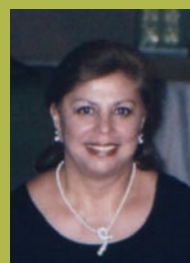


*Muito mais do que seu piloto, o Coronel Fittipaldi foi um assessor especial e amigo incondicional de Getúlio Vargas.*

## O valor de uma amizade



Coronel Fittipaldi  
Memória viva da  
chamada “Era Getulista”



Deana Guedes é funcionária aposentada do Senado Federal, bacharel em Direito, pela Universidade de Brasília, com especialização em Análise de Sistemas com O&M e Gerenciamento de Arquivos (Base de Dados); ex-chefe de Gabinete da

Secretaria de Documentação e Informação; foi membro de várias Comissões e Grupos de Trabalho Interministeriais, coordenadora e professora de cursos de treinamentos técnicos.